



ISSN: 2674-8584 V1 – N1– 2022

A ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA A PACIENTES PORTADORES DE HANSENÍANSE

PHARMACEUTICAL ASSISTANCE FOR PATIENTS WITH LEPROSY

Natiele Alves de Matos

Acadêmica do 10º período do curso de Farmácia, Faculdade Unibrás.

E-mail:

Tairo Vieira Ferreira

Professor do curso de Farmácia e orientador da pesquisa Faculdade Unibrás.

E-mail:

RESUMO

O objetivo deste estudo é mostrar como a assistência farmacêutica pode contribuir para o tratamento de pacientes portadores de hanseníase. O trabalho também visa mostrar questões gerais relacionadas à hanseníase, tais como sintomas, transmissão, diagnóstico e tratamento. O cuidado farmacêutico tem sido de grande importância, pois, através dele, o farmacêutico orienta o paciente corretamente sobre o uso racional dos medicamentos, garantido, assim, a eficácia terapêutica medicamentosa e proporcionando um tratamento adequado.

Palavras-chave: Assistência farmacêutica. Hanseníase. Medicamentos.

ABSTRACT

The aim of this study is to show how pharmaceutical assistance can contribute to the treatment of leprosy patients. The work also aims to show general issues related to leprosy, such as symptoms, transmission, diagnosis and treatment. Pharmaceutical care has been of great importance, because through it, the pharmacist correctly guides the patient about the rational use of medication, thus ensuring drug therapeutic efficacy and providing an adequate treatment.



Keywords: Pharmaceutical care. Leprosy. Medicines

A Unidade Básica de Saúde (UBS) tem total responsabilidade no diagnóstico do paciente portador da hanseníase e quando isso é feito precocemente, há menores chances de incapacidades físicas, maior possibilidade de cura e, conseqüentemente, o cessar da transmissão do bacilo causador da doença. Nesse sentido, um tratamento apropriado é imprescindível, sendo o farmacêutico um profissional que pode colaborar na orientação sobre o uso racional de medicamentos, o que garante a segurança e a eficácia terapêutica dos medicamentos.

A hanseníase é uma das enfermidades mais antigas da humanidade. Apesar de ser uma doença antiga, ela está presente ainda hoje, constando como um problema grave de saúde pública. A hanseníase é endêmica em diversas regiões do país e provoca graves danos físicos e sociais às pessoas acometidas por essa enfermidade (VIANA, 2019).

A hanseníase é provocada pela *Mycobacterium leprae* ou bacilo de Hansen. A descoberta do bacilo ocorreu em 1874, através do médico norueguês, Dr. Gerhard Henrik Armauer Hansen, que examinou as lesões de pacientes e detectou os bacilos responsáveis pela origem da doença. Essa é uma enfermidade infectocontagiosa crônica que acomete especialmente pele e nervos periféricos.

Os sinais e sintomas da hanseníase são manchas esbranquiçadas, avermelhadas ou amarronzadas, que podem causar a perda da sensibilidade na pele e deformações geradoras de incapacidades físicas. A doença tem como consequência a limitação da vida profissional e social, podendo ocasionar problemas psicológicos devido ao preconceito contra a doença. É um dado que alguns pacientes acabam abandonando o tratamento. Além do mais, pacientes com hanseníase se sentem constrangidos fisicamente pela forma com que a doença se manifesta e, com isso, muitos entram em depressão devido à reação psicológica do isolamento social (SANTOS, 2015).

A transmissão da hanseníase acontece através do contato direto com a pessoa infectada; o contágio se dá pelas gotículas das vias respiratórias. A aglomeração é uma das formas mais comuns de transmissão da doença e, por esta razão, deve-se evitar permanecer em ambientes tumultuados com pessoas portadoras da doença (VIANA, 2019).

O diagnóstico da hanseníase é feito por meio de exame clínico e de exame físico, nos quais o paciente passa por uma avaliação dermatoneurológica para identificação dos sinais da doença. Sabe-se que o diagnóstico precoce é fundamental para a sua cura.

Presentemente, o Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro proporciona tratamento gratuito para essa doença, o que é de grande importância para buscar a cura e cessar seu ciclo de contágio.

Segundo Pereira, Paulo e Lima (2015, n.p.)

A presença de um farmacêutico nos estabelecimentos e centros de saúde é de fundamental importância para a saúde pública, pois através de suas orientações busca garantir a utilização correta de medicamentos e a obtenção de resultados terapêuticos positivos.

Dessa forma, a assistência farmacêutica tem sido de grande importância no tratamento da hanseníase,

1.1 OBJETIVOS

O objetivo geral da pesquisa é refletir sobre a qualificação do farmacêutico e sobre a assistência farmacêutica em pacientes portadores de hanseníase. Abordar questões como: transmissão, diagnóstico e tratamento em hanseníase; Discutir como a assistência farmacêutica pode ser fundamental no tratamento nos pacientes com hanseníase; Identificar as causas para o abandono do tratamento.

2. REVISÃO DE LITERATURA

A assistência farmacêutica é o conjunto de ações voltadas à promoção, proteção e recuperação da saúde, tanto individual como coletiva. Nela, o medicamento, que é considerado um insumo essencial, deve ter seu acesso e uso feitos de forma racionalizada (BRASIL, 2006).

A assistência farmacêutica colabora para a orientação no uso racional dos medicamentos, trazendo informações relevantes sobre doença e, conseqüentemente, minimizando complicações referentes aos medicamentos. Aquela tem por objetivo apoiar as ações de saúde na promoção do acesso aos medicamentos essenciais e promover o seu uso racional (BRASIL, 2006).

O farmacêutico ocupa papel-chave nessa assistência, na medida em que é o único profissional da equipe de saúde que tem sua formação técnica científica fundamentada na articulação de conhecimentos das áreas biológicas e exatas. E como profissional de medicamentos, traz também para essa área de atuação conhecimentos de análises clínicas e toxicológicas e de processamento e controle de qualidade de alimentos. (ARAÚJO, 2003, p. 612).

O farmacêutico pode colaborar muito para o tratamento do paciente portador de hanseníase, propondo o uso correto de medicamentos, auxiliando na aceitação deste, com ações voltadas para a educação e a prevenção. Ele pode ofertar um cuidado humanizado e individualizado.

Aspectos subjetivos, tais como autopercepção, aceitação da doença, rede de apoio familiar são fundamentais. No entanto, a literatura relata que o tratamento farmacológico está entre os principais fatores que impactam na cura da doença (SILVA, 2015).

O diagnóstico laboratorial da hanseníase é feito através do exame de baciloscopia. Esse exame é solicitado pelo médico na Unidade Básica de Saúde, órgão fundamental no diagnóstico da hanseníase. Para a coleta do material, é imprescindível que o profissional esteja devidamente equipado para sua segurança. A baciloscopia é um exame de baixo custo e não invasivo. Trata-se de um raspado intradérmico no local da lesão; ele é feito também no lóbulo auricular e cotovelo, com o intuito de observar a presença de bacilos de Hansen. Após a coleta do material e fixação em lâmina, é realizada a leitura através do microscópio (SANTOS, 2015).

O tratamento deve ser iniciado imediatamente após o diagnóstico. O tratamento específico da pessoa com hanseníase e indicado pelo Ministério da Saúde é a poliquimioterapia padronizada pela Organização Mundial de Saúde, conhecida como PQT, que deve ser realizada nas unidades de saúde (BRASIL, 2002).

A poliquimioterapia é um conjunto de medicamentos que são associados para impedir a resistência medicamentosa do bacilo. A alta por cura é dada após a administração do número de doses preconizadas pelo esquema terapêutico (BRASIL, 2002).

2.1 HISTÓRIA DA HANSENÍASE

A hanseníase é uma das enfermidades mais antigas no mundo. Antigamente era conhecida popularmente como lepra e sua fama se espalhou por meio de histórias bíblicas citadas em Levíticos, nos capítulos 8 e 14 (BÍBLIA, 1969).

Os indivíduos afetados por essa enfermidade eram afastados de seus familiares e, conseqüentemente, de toda a sociedade. Eles eram vistos como pessoas impuras e eram abrigados em hospitais-colônias, os chamados “leprosários”. Esta era a única forma de prevenir a doença, a partir do entendimento das autoridades da época (SOUZA e COSTA, 2016).

A descoberta do bacilo de Hansen ocorreu em 1874, pelo Dr. Gerhard Henrik Armauer Hansen, um médico norueguês, que através de exames nos pacientes, detectou o bacilo causador da doença. Os primeiros casos da hanseníase informados no Brasil datam de 1600. A doença entrou no país por vários pontos do litoral, com os primeiros colonizadores portugueses, principalmente açorianos. Para sua disseminação, muito contribuíram os escravos africanos (EIDT, 2004).

2.2 AS REAÇÕES HANSÊNICAS

As reações hansênicas são uma resposta do sistema imunológico do paciente infectado pela *Mycobacterium leprae*. Essas reações resultam da inflamação aguda causada pela atuação do sistema imunológico do hospedeiro que ataca o bacilo (BRASIL, 2017).

As reações hansênicas podem ser de dois tipos:

- Tipo 1 (Reação Reversa): apresentam lesões dermatológicas mais avermelhadas e doloridas e dores nos nervos periféricos;
- Tipo 2 (Eritema Nodoso Hansênico – ENH): manifestam-se por edemas, febre, manchas ou nódulos vermelhos e dolorosos.

Diante desse contexto, é de suma importância que o diagnóstico seja feito o quanto antes, o que pode se realizar por meio de exame físico e dermatoneurológico do paciente (BRASIL, 2002).

2.3 TRANSMISSÃO

A transmissão da hanseníase ocorre pelo contato direto com uma pessoa infectada. As vias aéreas superiores são a principal via de eliminação do bacilo pelo indivíduo doente. O trato respiratório também é a mais provável porta de entrada para infecção do organismo (BRASIL, 2002).

2.4 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico da hanseníase é feito a partir do exame clínico em que o médico colhe informações sobre os sinais e sintomas do paciente. Também é feito o exame físico no qual o paciente passa por uma avaliação dermatoneurológica para encontrar os sinais da doença.

2.5 TRATAMENTO

O tratamento é feito pela poliquimioterapia, que é constituída pelo conjunto dos seguintes medicamentos: rifampicina, dapsona e clofazimina, com administração associada (BRASIL, 2002). Dessa forma, se feito corretamente, o tratamento cessa a transmissão e a doença é curada.

De acordo com o Boletim Epidemiológico de Hanseníase, da Secretaria de Estado de Saúde de Goiás 2020/2021 (BARBOSA, 2021), em Rio Verde, no ano de 2021, o número total de novos casos de hanseníase foram 14. Os casos avaliados foram 93% e com grau de incapacidade física, de 23%. Os novos casos examinados dentre os registrados de hanseníase foram 91%. Quanto aos casos de cura, esses somam 100%, com 0% de abandono do tratamento.

Figura 1 - Taxa de Detecção Anual de Casos Novos de Hanseníase/100.000 hab Regional de Saúde / GOIÁS / 2020



O trabalho em desenvolvimento é uma revisão sistemática de literatura sobre a assistência farmacêutica a pacientes portadores de hanseníase. A pesquisa bibliográfica foi realizada utilizando-se as seguintes palavras-chave: hanseníase, ‘assistência farmacêutica’ e ‘saúde pública’. Foram utilizadas aspas nas palavras compostas e filtro no título nos portais Google Acadêmico e Portal Regional da BVS (Biblioteca Virtual em Saúde), que utilizam as bases de dados do Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Literatura Latino-Americana, do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), do Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE) entre outros. No total, chegou-se a 23 trabalhos publicados nos últimos 20 anos (2000-2020). Os critérios de inclusão na pesquisa estavam relacionados ao tema deste trabalho. Os textos encontrados estavam disponíveis na íntegra e nos idiomas português, espanhol ou inglês. Após a exclusão de artigos duplicados e que não atendiam aos critérios de inclusão, foram selecionados 15 artigos para a composição desta trabalho de conclusão de curso. E do total de 15 textos, 12 foram utilizados.

O objetivo deste trabalho foi mostrar a eficácia da assistência farmacêutica no tratamento da hanseníase. Com a discussão produzida, é possível afirmar que o farmacêutico pode exercer um papel fundamental em relação ao paciente portador da hanseníase que está em tratamento (BORGES, LIMA e GUIA, 2011).

Além do farmacêutico contribuir para a eficácia do tratamento da hanseníase por meio de medicamentos, também tem sido de grande importância a sua relação com o paciente. A atenção dada a este pelo farmacêutico traz confiança e segurança ao tratamento, o que contribui positivamente para a parte psicológica que envolve a doença. Sabe-se que a hanseníase traz consigo o preconceito da comunidade para com o paciente. A confiança entre o paciente e o profissional farmacêutico tem grande valor, uma vez que o paciente se sente mais seguro e recebe uma base de apoio do profissional, o que diminui, conseqüentemente, o abandono do tratamento.

Durante muitos anos, a hanseníase foi considerada uma doença sem cura, mas hoje ela não é mais vista assim. Apesar disso, a hanseníase continua sendo um grave problema para a saúde pública. Infelizmente, alguns pacientes abandonam o tratamento, mas quando há casos de retorno do paciente portador da hanseníase, recomenda-se que as unidades de saúde realizem um monitoramento complementar dos doentes faltosos, como forma de avaliar a efetividade das estratégias adotadas (BRASIL, 2017).

Após o fim do tratamento, o paciente que, no momento de alta, apresentar reações ou deficiências sensitivo motoras e/ou incapacidades deverá ser monitorado, com agendamento de acordo com cada caso (BRASIL, 2017).

No Estado de Goiás, foram notificados novos casos de hanseníase. Em 2020, foram 925 e, desses, 84% foram avaliados. Outros 10% atingiram grau de incapacidade física com a doença. No ano de 2021, por sua vez, os novos casos de hanseníase chegaram a 428. Os casos avaliados foram de 90%, com grau de incapacidade física de 8% (BARBOSA, 2021).

Já entre os casos de cura e abandono, foram notificados 89% de cura em 2020, e 4% de abandono. Em 2021, os casos de cura foram de 79% e os de abandono, 6%. Ou seja, entre 2020 e 2021, os casos tiveram uma diferença mínima e, de acordo com os parâmetros de cura, isso é considerado regular. No que se refere aos parâmetros de abandono, considera-se uma boa porcentagem. Apesar disso, a taxa de incidência continua sendo um grave problema de saúde pública.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, apesar de a hanseníase ser uma enfermidade antiga, ela continua presente no mundo atual. Contudo, observa-se uma melhoria da saúde, o aumento de investimentos em tratamentos e mais atenção e acompanhamento profissional ao paciente. Para além disso, houve o crescimento de unidades básicas de saúde que auxiliam no tratamento da doença. Dessa forma, o paciente pode se dirigir a qualquer UBS da sua cidade para obter acompanhamento e tratamento gratuitos. Hoje, com a evolução da medicina, estamos conseguindo garantir tratamento eficaz, controle e, conseqüentemente, a cura da doença.

REFERENCIAS

ARAÚJO, M. G. Hanseníase no Brasil. Rev. Soc. Bras. Med. Trop., v. 36, n. 3, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 07 out. 2021.

BARBOSA, E. M. de A. Hanseníase: indicadores epidemiológicos e operacionais regionais de saúde - Goiás 2020/2021. 2021. Disponível em: [file:///C:/Users/Dell/Downloads/APRESENTA%C3%87%C3%83O%20INDICADORE S%20HANSEN%C3%8DASE%202020%20E%202021%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Dell/Downloads/APRESENTA%C3%87%C3%83O%20INDICADORE%20HANSEN%C3%8DASE%202020%20E%202021%20(2).pdf). Acesso em: 20 out. 2021.

BÍBLIA. A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamento. Tradução: João Ferreira de Almeida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BORGES, V.; LIMA, N. L de; GUIA, A. Assistência farmacêutica voltada a pacientes com hanseníase. 2011. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/handle/aee/1312>. Acesso em: 22 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia para o controle da hanseníase. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.



BRASIL. Ministério da saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos. Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Assistência farmacêutica na atenção básica. 2006. Disponível em: <http://www.ensp.fiocruz.br/portal-ensp/judicializacao/pdfs/283.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças Transmissíveis. Guia prático sobre hanseníase. Brasília: Ministério da saúde, 2017.

EIDT, L. M. Breve história da hanseníase: sua expansão do mundo para as Américas, o Brasil e o Rio Grande do Sul e sua trajetória na saúde pública brasileira. *Saúde soc.*, v. 13, n. 2, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902004000200008>. Acesso em: 23 jul. 2021.

PEREIRA, J. C.; PAULO, I. E.; LIMA, L. R. Assistência farmacêutica no tratamento da hanseníase. 2015. Disponível em:

<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/mostracientificafarmacologia/article/view/734>. Acesso em: 23 set. 2021.

SANTOS, F. G. Faculdade de Educação e Meio Ambiente. Hanseníase: abordagem bibliográfica sobre a doença e seu tratamento. 2015. Disponível em: <https://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/397/1/SANTOS,%20F.%20G.%20-%20HANSEN%20C3%8DASE..%20ABORDAGEM%20BIBLIOGR%20C3%81FICA%20SOBRE%20A%20DOEN%20C3%87A%20E%20SEU%20TRATAMENTO.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SILVA, A. S. A importância da farmácia clínica no acompanhamento dos pacientes com hanseníase em uma unidade básica de saúde. *Hansenologia Internationalis*, v. 40, n. 1, p. 9-16, 2015.

SOUZA, H. N.; COSTA, F. B. S. Importância do diagnóstico precoce da hanseníase: revisão integrada. 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/7776>. Acesso em: 07 jul. 2021.



VIANA, W. A. Hanseníase: aplicação de projeto de intervenção em combate a não adesão ao tratamento. 2019. Disponível em:
<https://ares.unasus.gov.br/acervo/html/ARES/14980/1/WELLITON%20ARA%C3%9AJO%20VIANA.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.